



Director literario:

Accipiter
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

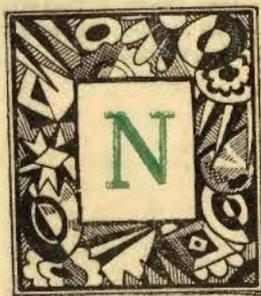
Eduardo Collaço
PAPUSSE

O JURAMENTO DO ÁRABE

ADAPTADO EM PROSA POR

■ JOSÉ FERREIRA ■

Desenhos de OLAVO



UMA linda noite de verão, uma tribo de Árabes nómadas acabava de acampar num oásis do grande deserto africano, o Sahará. Alii, assim se chamava o chefe da tribo, era casado com Baçus, pastora de camelos.

Nessa noite, vira Baçus, ao fulgor das estrelas que constelavam o céu, Vasil, chefe de uma tribo rival da de Alii, matar-lhe uma das suas camelas predilectas.

Baçus jura vingar-se, e correndo entra na tenda e conta tudo a um hóspede de seu marido, pois este estava ausente.

O hóspede prometeu vingá-la, e se bem o disse, melhor o cumpriu, matando Amed, filho de Vasil.

Foi esta a causa que envolveu numa guerra horrorosa, todas as tribus aliadas de Vasil e as de Alii.

Num dos numerosos combates, Amur, filho Omar, chefe de uma tribo aliada de Vasil, foi morto por Mualhil, chefe aliado de Alii.

* *

Quando a guerra findou, Omar mandou lançar por toda a Arábia o seguinte prego:

«Omar, chefe da tribo dos *Kabilas* :

«Manda que, se alguém tiver conhecimento do paradeiro do traidor Mualhil, e o trouxer vivo à presença de Omar, terá o prémio de 5.000 tahers e a liberdade.

Todo aquéle que lhe der abrigo, será enterrado no deserto.»

Omar,

chefe da tribo dos *Kabilas*



mandou lançar um prego.....

Uma noite, na tenda, a um prisioneiro recémchegado do campo, Omar falou assim:

— Escravo, escuta e atende; indica-me o monte, a gruta ou a tribo onde se esconde o traidor Mualhil, o assassino de meu filho Amur. Diz-me a verdade e serás livre, como manda o pregão.

— E é por Allah que o juras? voltou o prisioneiro.

— E! tornou Amur.

— Então fixa-me e vê se não reconheces em mim esse a quem chamas o traidor Mualhil.

«Ouve bem Omar, tu chamas-me traidor porque julgas que foi à traição que matei teu filho. Mas tu enganas-te, Omar, pois Amur foi morto em combate leal.

O velho chefe dos *Kabilas* fez um gesto de incredulidade.

Mualhil, porém, continuou:

— Quando a batalha estava no ponto culminante, eu e teu filho encontrámo-nos frente a frente.

«Como dois chefes que éramos, tivemos simultaneamente uma ideia generosa, com a qual pouparíamos centenas dos nossos homens.

«Essa ideia consistia em travármos apenas entre nós, o combate em que os nossos dois exércitos, de forças sensivelmente iguais, estavam empenhados.

Findo o combate, ao exército a que pertencesse o chefe vencedor, pertenceria o triunfo, e assim, em vez de tantas centenas de homens, apenas morreria um: eu ou teu filho.

«Aceites as condições, armámo-nos ambos de um punhal e uma lança e demos entrada num claro aberto pelos soldados; o combate travar-se ia aí.

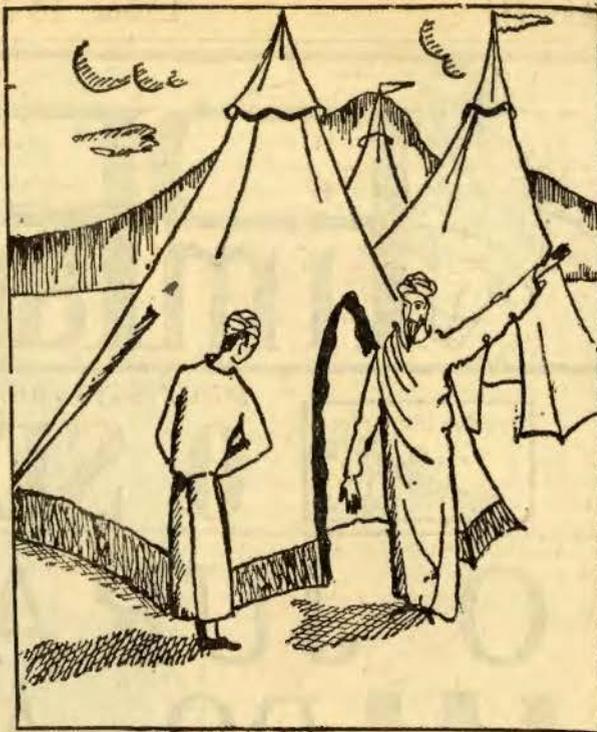
«Logo de início, feri teu filho levemente, com a ponta da lança.

«Ele, desesperado, precipitou o seu cavalo sobre o meu, mas com tanta infelicidade, que o seu peito se enterrou na lança que eu conservava estendida.

«Os teus soldados rodearam teu filho, e vendo que ele não era mais do que um cadáver, no paroxismo da raiva e da dor, não respeitaram as condições e carregaram sobre nós.

«Apanhados de surpresa como fomos, vimo-nos obrigados a fugir.

«Durante muitos dias, vagueei por montes e vales, ou dormindo em grutas, ora em cima de palmeiras das quais comia o fruto. Quasi morto de sede, pois havia dois dias que não bebia uma gota de água, fui encontrado por uma boa mulher que, reconhecendo-me, me avisou de que a minha cabeça estava posta a preço. Conforme me permitiram as poucas forças que ainda me restavam, fugi durante o



ÉS LIVRE...

resto do dia, mas ao anoitecer os teus soldados descobriram-me e trouxeram-me à tua presença.

«Aqui me tens. Sou teu prisioneiro e podes fazer de mim o que quizeres.

Durante alguns minutos, Omar permaneceu pensativo. Então ele, que tanto sofrera ao saber da morte de seu filho, teria agora de perdoar ao autor dessa morte? Alas Mualhil não era um traidor, como ele julgava, pelo contrário, era um valente.

Durante muito tempo, Omar hesitou. Mas recordando-se de súbito de que jurara ao seu prisioneiro conceder-lhe a vida e a liberdade, se ele lhe fosse franco, aproximou-se vagarosamente da porta da sua tenda, abriu-a, e apontando, com o braço estendido, o céu infinito, exclamou:

Que Allah seja contigo!

És livre!

Fim

:: ANECDOTAS ::

No curso duma escola agrícola:

— Qual é a melhor ocasião para apanhar as maçãs?

— Quando o caseiro está dormindo, e o cão de guarda não está na horta.

Preguntam a um bacharel:

— Qual a distância entre o sol e a terra?

— Trinta e sete milhões de léguas, mais ou menos.

— Como achou esse número?

— Enorme!

Entre amigas:

— Já sabes que mo caso?

— Palavra?

— Sério, caso-me...

— Parabens...

— Mas então não me perguntas quem é o noivo?

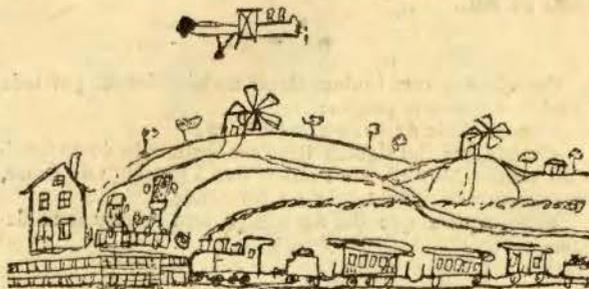
— Isso já eu sei. E' um tolo chapado.

COLABORAÇÃO INFANTIL

DESENHO DO MENINO :: :: ::

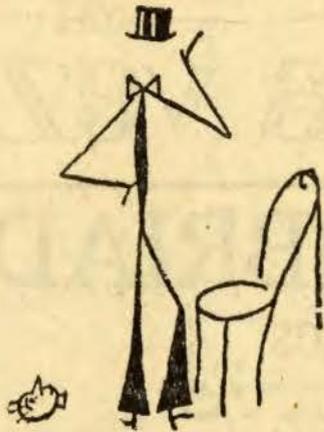
:: :: GUSTAVO DE MENDONÇA

DE 7 ANOS DE IDADE

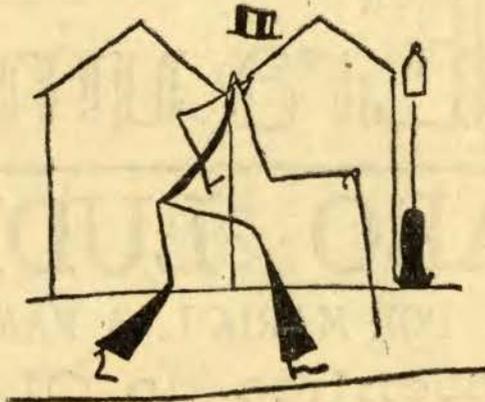


DISTRACÇÃO DO DOUTOR MAGRIZELA

■ POR OLAYO ■



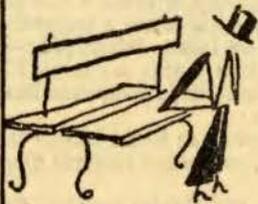
1. estou pronto.



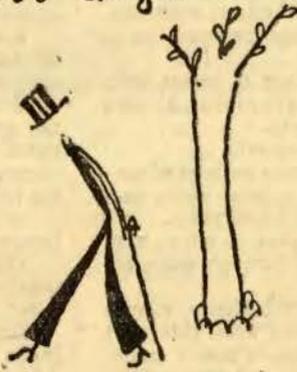
2. vou chegar tarde



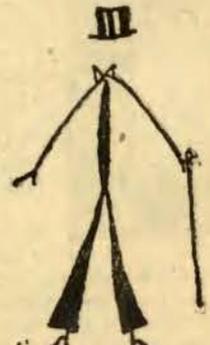
3. esqueci-me
d'alguma coisa



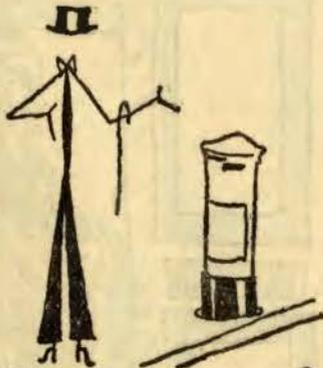
4. o que seria?



5. não me lembro!



6. alguma coisa foi!



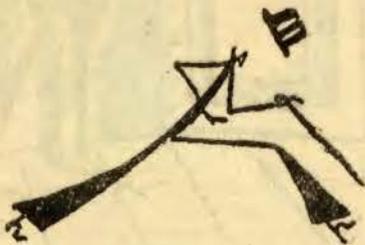
7. seria alguma carta?



8. a bengala não foi!



9. ah! já sei...



10. vou a casa
busca-la



11. cá está!...



12. era a cabeça!...



O DIABO LUDIBRIADO

POR MARIA L. G. RAMOS

Desenhos de OLAYO



ERA uma vez um judeu, que ao contrário dos outros judeus, era pobre. Uma certa noite bateram-lhe à porta.

— Entre, disse o judeu, que, como não tinha que roubar, deixava a porta encostada.

O visitante entrou. O judeu, apesar da hora adeantada da noite, estava ainda sentado a uma mesa e escrevia.

De costas para a porta, nem sequer se virou para ver quem era o intruso.

No entanto o visitante, girando nos calcanhares, examinava o que o rodeava, torcendo o nariz a tudo. Havia ali trinta mil objectos sem valor todos mais ou menos misteriosos e cabilísticos: caveiras, ossos de todos os feitios, ervas de todas as qualidades; desenhos extravagantes, re-

presentando seres fantásticos, sujavam as paredes, se é que se pôde sujar o que já está sujo.

Em cima da mesa e no chão, livros e papeis, tão sujos, tão sebentos, tão negros que mal se lhes distinguiam os caracteres.

O desconhecido, depois de examinar aquilo tudo com um gesto de desaprovação, inclinou-se sobre o hombro do judeu e examinou também o que ele estava a escrever ou a riscar. Sorriu, e com uma voz de falsete interrogou: — Então tu pretendes relacionar-te com o anjo das trevas?!

— Sim, disse o judeu sem se voltar, e apontando uns arabescos que tinha sobre o papel:

«Vês!! Quando der meia noite vou traçar isto no campo próximo e, pondo-me no meio, com umas palavras que vou dizer, heide falar com ele.

Depois sempre quero vêr se não consigo ser rico! Eu sou judeu e não tenho nada, heide ser rico como os outros judeus!

— Tanto trabalho para nada, disse o visitante, e uma es-





tridente gargalhada ecoou no estreito casebre abalando-o até aos alicerces. O judeu levantou-se de um salto e voltou-se. Ao vêr o Diabo em pessoa ao pé d'ele deitou a fugir. Mas o Diabo, dum pulo, agarrou-o e fêl-o tornar a sentar. Colocou-se sarcasticamente na frente do judeu atrapalhado:

— Então tu já não queres ser rico!? Estás com tanto trabalho para falar comigo e agora, que me tens aqui safas-te!

Es um poltrão! E nova gargalhada sêca e estridente reventou de novo; parecia que o casebre todo oscilava prestes a cair.

— Queres ser rico ou não?!

Se não queres, perdi o tempo, vou-me embora.

O judeu, na perspectiva de ficar sempre pobre, acalmou e disse-lhe que sim, acenando-lhe com a cabeça, pois nem forças tinha para falar.

— É quasi meia noite, (disse o Diabo) péga! e deu ao judeu uma fôlha de figueira assinada por êle.

— Já debes saber o quanto custa um favor que se me deva?!

Antes que o judeu viesse a si da surpresa, o Diabo desapareceu rápido como um ráio. Daí partiu a casa dum mineiro que estavam sem trabalho e tinha estado muito doente, motivo por que vivia na maior miséria sem ter que dar a comer à mulher e a cinco filhos todos pequeninos.

O judeu, logo que o Diabo o deixou, correu a casa de uma mágica com quem o próprio Diabo, não queria coisa alguma, pois era muito sábia e manhosa; contou-lhe o sucedido, mostrando-lhe a fôlha de figueira. A mágica perguntou-lhe: — Que lhe deste em troca? Não lhe deste outra fôlha igual assinada por ti?!

— Não, não lhe dei nada, que nada me pediu. A mágica deu uma gargalhada.

— Os meus parabens! O tal figurão fe-la fresca. Quem lucrour foste tu! Com êsse documento tu has-de enriquecer e não lhe debes coisa alguma. — Guarda! Guarda bem essa fôlha que êle à de tentar roubar, ou então vem buscar a tua assinatura. Não assines nada. Tinha sido verdade. O Diabo, com a prêssa de ir a casa do mineiro, tinha-se esquecido de pedir a assinatura do judeu. Voltava-se portanto o feitico contra o feiticeiro. Tratou portanto o judeu de se precaver fechando a fôlha a sete chaves e trancando bem a porta da rua. No entanto, o Diabo, farejando-lhe boa presa, fã já perto da casa do mineiro, quando êste, desesperado,

saía de casa sem destino e ao acaso a pensar como havia de melhorar a sua sorte cada dia mais aflita e desgraçada. Fugia para não ouvir o chôro dos filhinhos a tôda a hora a pedirem pão que êle lhes não podia dar.

— Viva! disse o Diabo ao mineiro estupefacto por encontrar aquela hora e naquele sítio uma pessoa desconhecida.

— Que fazes tu?! interrogou o Diabo, Para onde vais a esta hora!?

— Vou procurar trabalho e, para chegar cêdo à cidade, preciso de sair a esta hora de casa. — Então não tens que fazer?! Queres ganhar muito dinheiro?! Queres mesmo ser rico?! O mineiro compreendeu então com quem estava a tratar e lembrou-se de lhe haverem dito que já não era a primeira vêz que o Diabo aí aparecia. Pensou em fugir, mas não tinha pão em casa e êle oferecia-lhe dinheiro, muito dinheiro. Que dúvida poderia haver nisso?! Perguntava a si mesmo o mineiro: «Depois se livraria d'êle».

Vendo a hesitação do mineiro, e julgando que êle rejeitaria, o sinistro companheiro redarguiu:

— Não há tempo a perder. Em troca quero pouco, mesmo muito pouco.

Basta-me a tua assinatura. Estava impaciente. Estendeu uma fôlha de figueira para assinar. — Vá, assina! Daqui a pouco será tarde.

O mineiro pegou na fôlha que o Diabo lhe apresentava e assinou. Então o Diabo assinou outra, igual à que tinha dado ao judeu e deu-a ao mineiro. Estava feito o pacto. Se o mineiro enriquecesse por aquele processo a sua alma estava condenada, estava perdida.

Indicou-lhe então, o Diabo, uma caverna distante onde êle desceria e, depois de cavar na pedra, recolheria aqueles fragmentos que eram ouro.

— Ouves?! ouro puro! Depois pegas nessas pedras e... Não teve tempo de acabar, ao longe cantou o galo, o Diabo desapareceu, deixando o mineiro perplexo, mal compreendendo ainda o que lhe havia sucedido e soando-lhe sinistros nos ouvidos as últimas palavras. Vindo a si do assombro e querendo verificar se realmente existiriam as tais pedras que o Diabo lhe tinha dito, dirigiu-se para a caverna aproveitando ainda a obscuridade do dia.

A caverna era escura. O mineiro desceu. Aos seus pés abria-se um abismo que parecia insondável, mas, como estava habituado, não se preocupou e desceu sempre. O interior era húmido e frio, e o mineiro não pôde deixar de es-

tremecer. No entanto, de picarêta em punho, cavava aqui e ali.

Recolheendo agora uma pedra, logo outra, examinava-as à luz pálida do candil que levava. O suor gotejava-lhe da fronte, sem que êle dêsse por isso, e continuava sempre, sem descanso, na sua árdua tarefa. O mineiro em certa altura sentou-se extenuado, parou... Olhou os milhares de pedras que se amontoavam a seus pés, que sulcavam o chão húmido e sorriu. Aquelas pedras, que êle tanto em segrêdo tirára da pedreira, eram ouro!! Era o fim da miséria, era a abundância para si e para os seus filhos! E o pobre mineiro esquecia-se do preço que lhe custava aquêle ouro.

Curvou-se, juntou as pedras dispersas, encheu, um após outro, dois sacos daquela preciosidade, e, assim carregado, mal podeado com o pêso, subiu o buraco da negra e horrível caverna que parecia prestes a tragá-lo com o precioso fardo. Carregado com os sacos, dirigiu-se à povoação a casa dum ourives que, depois de examinar as pedras lhe disse:

— Você é tolo, homem! Nem tudo que reluz é ouro!

— Então isto não é ouro?!

— Ouro isso?! — Você está doido, já lhe disse! e virou-lhe as costas.

O mineiro, desapontado, pegou nos sacos e safu. Dirigiu-se, então, para casa do judeu que costumava comprar tudo e vendeu-lhos por uma insignificância, pois convencido estava o pobre mineiro que aquelas pedras não valiam nada.

Ao voltar para casa ia pensando:

— Ainda me fiei em bôa! Pedras darem ouro! E sorriu, embora contra vontade.

À noite appareceu-lhe de novo o Diabo. O mineiro zangado disse-lhe que êle o tinha enganado.

Que tinha cavado muito, muito e que afinal não arranjára nada. Contou-lhe que fôra vender as pedras a um judeu lhe dêra por elas uma insignificância.

— O quê?! tu foste vender as pedras a êsse judeu?! E vendeste-lhas por tão pouco?! Pois tu foste levar-lhe a riqueza?! Oh, que maldito judeu! Agora me recordo que êsse judeu me comeu a cabeça, mas não faz mal! Para provar que não te enganei: pega, e deu-lhe um preganinho,

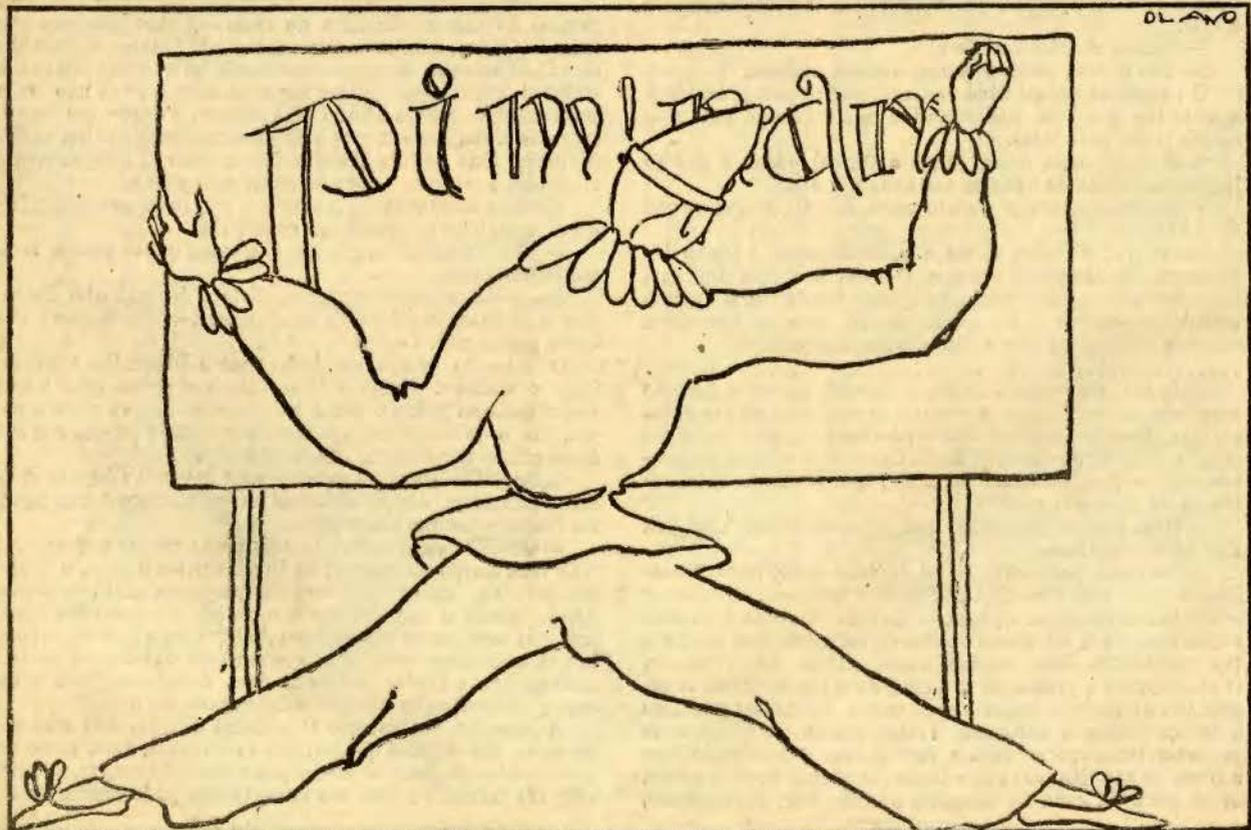
dizendo-lhe: Se dentro de tres dias não estiveres rico, o nosso pacto fica desfeito. Esta noite, continuou, sobes ao cimo daquêl monte. Vês?! Entrás nas ruínas do castelo e, de baixo do último degrau da escada que conduz aos subterrâneos, encontrarás o tesouro que pertenceu ao rei mouro. Vai e amanhã serás rico! O Diabo desapareceu e o mineiro correu ao castelo do mouro, embrenhando-se nas ruínas, metendo-se por entre os escombros, tropeçando num lado e caíndo noutro, foi dar às escadas que conduziam ao subterrâneo.

Desceu-as cheio de alegria. Chegado ao último degrau depôs o candil no chão e cavou. Já desesperava, quando um som metálico produzido pela picareta o fêz parar. Pousou a picareta e, de joelhos, começou com as mãos a desviar a terra com precaução. Dois enormes vasos de oiro scintilaram. O mineiro, extastado, abriu-os; estavam cheios de moedas de oiro e pedrarias que luziam à luz pálida do candil. Era um verdadeiro tesouro! Era uma riqueza colossal! Mas o seu pêso era enorme e o mineiro não podia com êles. Resolveu levar o que pudesse e viria depois buscar o resto. — Desta vez, dizia o mineiro, não me hei de deixar enganar. Mas, quando êle estava a mexer num dos vasos, ouviu vozes e escondeu-se apagando o candil. Quatro homens desciam as escadas do subterrâneo. Eram uns salteadores que costumavam juntar-se ali e o que ia na frente sentiu a falta do último degrau e abaixou-se surpreendido. Pôde vêr, então, à luz da lanterna que levava na mão, os riquíssimos vasos cheios de preciosidades que o desgraçado mineiro tinha desenterrado com tanto trabalho, e gritou:

— Bravo! Um tesouro! Quem poria isto aqui?! Mas os outros nem lhe responderam de espantados que estavam. Como não havia tempo a perder, pegaram nos vasos e fugiram com êles, indo mostrá-los e vende-los ao judeu por um preço que constituia para êle uma nova fortuna, para êle que já estava rico com as pedras que lhe havia levado o mineiro, e que eram realmente ouro. O mineiro, com medo dos salteadores, só voltou para casa de dia, mais triste do que nunca, agóra que tinha tido, por assim dizer, a fortuna nas mãos. O Diabo voltou na noite seguinte. Era o terceiro dia.

Continúa no próximo número

PARA OS MENINOS COLORIREM



MENINOS CUIDADO!...

Versos de ZE CHAVES

Desenhos de :: :: :: :: ::

COSTA PINTO



Por isso, amiguinhos,
ai tende cuidado!
E quando fizerdes
algumas tolices
e o papá zangado
muito vos ralhar,
pedi-lhe perdão
(mas nunca a gritar!)
Lembrai-vos, então
que um certo Papão
levou um menino
traquinas,
rabino,
que, de pequenino,
só tinha a mania
de muito chorar.

Ai! era uma vez
um lindo menino,
traquinas,
rabino,
que, de pequenino,
só tinha a mania
de muito chorar.

Ora, em certo dia
e quando, a brincar
sentado no chão,
se pôs a chorar,
um feio Papão
que mais não podia
ouvi-lo berrar,
levou-o consigo
p'ra não mais voltar!...



**F
I
M**



verdadeira história do PUM

por OLAVO

Continuação do número anterior

Sim. O pobre Pum partiu para a guerra como um valente. E' verdade que a sua vida, até ali, não tinha sido das mais irrepreensíveis, mas ia agora começar a regeneração que o tornaria, aos olhos do mundo, uma pessoa digna e respeitável.

A despedida do Pum foi comovente. A noiva não podia conformar-se com a sua infelicidade. Mas teve de ser. O Pum partiu, quasi afogado no mar de lagrimas, que começava já a formar-se em sua volta.

Adeus Pum! Adeus Pum! Adeus Pum!...

E o Pum foi, para nunca mais voltar.

CAPITULO V

O Pum, algum tempo depois de estar em França, conseguiu ir a Paris, encomendar um menino na Fabrica. Escolheu um que fosse muito parecido com ele e mandou-o para a sua noiva, que o recebeu, algum tempo depois, apesar das dificuldades de transporte, ocasionadas pela guerra.

E' esse menino, que substitui, hoje, (com vantagem), o Pum, seu pai. E, agora, vou-lhes contar, finalmente, a morte gloriosa do Pum.

Como o Pum já tinha sido «chauffeur», e era um bom mecanico, deram-lhe logo um pequeno posto na aviação. Ora, um dia, o tenente aviador, ás ordens de quem se encontrava o Pum, foi encarregado de bombardear uma certa



casa, onde o estado maior alemão se tinha refugiado provisoriamente. A aldeia a que essa casa pertencia já tinha sido evacuada pelos seus habitantes, horas antes da chegada dos inimigos.

Nota da redacção — No nosso número anterior, por engano de paginação, safu a palavra *fim* no remate desta história que, como os meninos vêem, continúa.

